

ARCA DE NOÉ.

Eu farei hum concerto contigo, e tu entrarás na Arca, tu, teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo.

Genesis Cap. 6.

Não se accitão assignaturas para este Periodico; e vende-se os numeros avulsos nas cazas dos Srs. Plancher, rua do Ouvidor; João Baptista, rua da Cadea; Albino, Praça da Constituição; Costa, rua da Cadea; e na rua da Ajuda n.º 118, preço 80 rs. hum folha.

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIARIO, 1833.

BRASIL, apresenta humã crise agustadora, e que o tem suspenso nas bordas do abismo em que deverá infalivelmente cahir, se por ventura não se congraçarem todos os animos para salvar a Patria. Os resultados funestos, que se devia esperar d'esse luctuoso 7 d'Abril, origem de todos os nossos males, têm de pezar ainda sobre a cabeça de milhares d'entes, e a conflagração geral terá de succeder-se, se a ambição, o egoismo, e não o verdadeiro amor da Patria, continuarem a presidir a nossos destinos. Que importa que meia dúzia de familias predilectas abençoem a hora em que se quebrarão os laços da obediencia devida ao Monarcha, que a Constituição considera inviolavel! Que importa, que nos apregoem mil bens de tão *infausto dia* esses, que veem seus destinos pendentes do progresso revolucionario, se o povo, se a totalidade da Nação sentem amargura o effeito contrario! O Povo conhece ja que perdeu com essa *sedição* tão decantada, e a experiencia lhe mostra todos os dias que não são com palavras, que se curão seus males, ou se abrandão suas dores. Resta hum só unico meio para recuperar a perda, que ha soffrido; e pôr fim ás suas desgraças: he este só o que o pode salvar, e de que necessariamente deve lançar mão: embora a ambição, o egoismo faça desconhecer a alguns esta verdade, a illusão, e o erro afaste outros de seus deveres; porem o pu-

ro amor da Patria, os sinceros desejos da felicidade publica não podem aconselhar medidas que só nutirão vistas particulares, e cauзем a ruina do Brasil; nem o Povo acostumado ja a soffrer enganos deve confiar em promessas lisongeiras, cujo cumprimento he sempre fallivel: he necessario, por tanto, que huma só verdade nos una no seguimento do unico meio que nos resta para evitar a tormenta que nos ameaça; e para conseguirmos o termo das calamidades publicas.

O Luxo.

Em todos os tempos se tem dito tanto mal do *luxo*, e tem elle sido pintado com tão feias cores, que muito receamos augmentar ainda mais com este artigo a indignação dos que se tem declarado seus inimigos, ou d'aquelles que julgando o sempre nocivo, nem por isso o mostram na pratica desprezar: nós considerando o mesmo como hum gasto superfluo filho da ostentação, ou vão capricho, não o podemos suppor tão prejudicial em hum Estado como se pretende figurar; e antes nos parece ser elle util, e necessario: sendo certo que só as classes ricas, e abastadas da sociedade podem nutrir essa ostentação, e vão capricho, porque as pobres ainda que tenham os mesmos desejos lhes faltão porem os meios de os poder satisfazer, não podemos deixar de convir que

elle seja util, e necessário: util; porque com elle se aperfeiçoão as artes, se engrandece a industria, e todos os ramos, que lhe são affectos: necessário; porque os artistas, operarios, e todas as classes pobres da sociedade, vem a alimentar-se d'esses desperdicios, ou sobras dos ricos, que a não ser esse desejo de ostentação, irião certamente amuar-se em suas burras, não vindo a servir, nem de gozo ao rico, nem de utilidade ao pobre. Esta verdade se vê hoje verificada entre nós. Que utilidade não provinha v. gr. ás classes fabris, industriosas, e mesmo aos Commerçantes do Rio de Janeiro, do apparatus, ou d'esse pequeno fausto da Corte no tempo do Sr. D. Pedro 1.º? Esses festejos publicos, esses arrumamentos militares, esses dias d'annos festejados; que interesses, e vantagens não offercião ao logista, ao ourives, ao serigneiro, ao Alfaiate, ao bordador, ao çapateiro, ao segeiro &c.º o nummario se desenforrojava então, e vinha girar em utilidade d'esses artistas, logistas, operarios &c. e que proveito tem agora essas classes tedas da sociedade em que esses residuos estejam amontoados no fundo de hum Bahú? Que hum Senador enthesoure v. gr. 3 mil cruzados que lhe sobrem de suas despezas necessarias? Que hum Deputado forre 2 mil cruzados para levar para sua Provincia? Que os magistrados, os militares de grandes patentes, não tentem hoje, e antes conservem guardado o producto de seus rendimentos? Procede-lhe disso alguma utilidade, ou não terão ja esses magistrados, militares, Senadores, e Deputados o mesmo rendimento com que d'antes acudião ao necessario, não faltando ao superfluo? Não se pode por tanto dizer que o *luzo* seja em si nocivo; pelo contrario teremos por mui desgraçado o paiz onde o não houver; porque hé certo não haver meios para ostentar, sendo natural no homem esta vaidade de querer sobresahir aos outros; em hum tal paiz nem as artes nem a industria podem florecer.

Quem quererá ser Diogenes?

Quem he este D. Pedro que por ahi se fallá com tanto desdem? Será algum demagogo aventureiro, que ande por esse mundo de Christo? Algum despresivel ante a quem se possa sem pudor tractar com indignidade? Será subdito, ou Monar-

cha, nobre, ou plebeo? Não podemos acreditar que, quando se falle com insolencia da pessoa de D. Pedro, se entenda que he com o Pai de Nosso Augusto Monarcha; porque seria ser muito abjecto, muito insultuoso, muito altivo o não guardar ainda para com o nosso Joven Imperador os mesmos respeitos que temos cuidado de observar com nós outros: qual de nós teria a ousadia, e incivilidade de insultar, ou tractar com desprezo a hum pai na presença do proprio filho? ninguem quereria certamente passar por incivil e atrevido; pois para com o nosso Monarcha havemo-nos portar com menos incivilidade, com menos brandura do que para com hum simples particular? Quem assim se porta não offenderá o filho, não dará o mais feio exemplo de immoralidade? Por outra parte: o que quer dizer a indiferença, o aviltamento que se uza para com hum Principe? Haverá algem que não julgue tornal-o menor, porque da sua boca he tractado com desprezo? Não he querer mostrar muito orgulho, julgar se superior ao Principe pensando que o abate? Diogenes, esse orgulhoso, longe de mostrar algum complexo de virtudes no desprezo com que se houve para com Alexandre, só deo a conhecer que sua ambição era tanto maior, quanto menos cazo affectou fazer da grandezza do Principe da Macedonia; e que tinha tanto mais orgulho, e altivez, quanto o Monarcha de docilidade; e singeleza; e por isso a memoria de Alexandre passou com admiração á mais remota posteridade; em quanto Diogenes he na opinião dos criticos judiciosos considerado hum louco. Quem não desejará ser Alexandre, a pezar do desprezo do filosofo Cynico? E quem quererá ser Diogenes?

Restauração.

Se tivéssemos justos reccios de huma restauração, ou conhecessemos perigo em demonstrar a ignorancia dos que a suppoem sempre hum mal, de boa vontade sacrificariamos a salvação publica aos gratos dezejos d'esclarecer a verdade; porem, não havendo risco a correr, como deixaremos progredir a falsidade, e o erro por entre as trevas de hum silencio reprehensivel? Como deixar passar a ideia de ser sempre perigoza, ou prejudicial a restauração ao Throno de hum principe, ou dynastia,

quando a historia nos offerete exemplos em contrario? Com effeito; a excepção da de Carlos 1.º d'Inglaterra, onde o aze-dume das paixões motivou horrores, a que derão lugar as crueldades praticadas por Cromwel, e seus partidarios, nós vemos que todas as outras tem sido favoraveis, e uteis aos povos; a restauração de Luiz 18.º ao Throno da França depois da queda de Napoleão não foi hum mal, mas hum bem para a Nação Franceza; a do Sr. D. João 6.º em Portugal, a de Fernando 7.º em Hespanha, e a do Throno de Napoles em Italia depois da expulsão dos Francezes, foi hum beneficio para os povos d'estas trez monarchias que vivião opprimidos debaixo do jugo de hum despotá Estrangeiro, que tinha pizado todos os feros, e direitos; a restauração do Sr. D. Affonso 5.º, depois de haver mui voluntariamente abdicado a corôa a favor do Sr. D. João 2.º, não pde ser reputada nociva, antes util á Nação Portugueza; a restauração do Sr. João 4.º que libertou a Monarchia Portugueza do jugo de Hespanha não pode deixar de ser considerada, como hum feito nobre do patriotismo, da honra, e da dignidade da nação; assim proseguindo por todos os exemplos que nos ministrá a historia das nações onde se tem effectuado restaurações de principes, ou dynastias decahidas, em todos elles, á excepção do primeiro, não encontramos esses horrores que se querem figurar; antes se deprehende que hum justo ressentimento dá quebra dos direitos dos povos, e o desejo de recuperar a sua liberdade as tem occazonado; sem que por isso se tenham seguido vinganças ferozes que não se compadecem com a franca declaração da vontade de hum povo que de-zeja libertar-se, ou sacudir o jugo de hum governo tyrannico, e desleixado; e os principes assim reclamados não poderão exercer actos cruéis, por effeito dos quaes os povos tem restabelecido muitas vezes no throno esses mesmos principes decahidos.

O terror e o medo.

He hum gosto o ver como se pertende inculir nos animos o terror, e medo com a Pessoa do Sr. D. Pedro 1.º, como se nós fossemos crianças, e elle algum papão; e não tivesse dado provas superabundantes de hum genio liberal; pacifico, soffredor, e não de huma alma des-

potica cruel, e vingativa! não acariciou Elle todos os partidos? Não distribuiu dadas, e mercezes por esses que lhe erão dez affectos? Não soffreo pacificamente injurias? Não evitou a effusão de sangue, que outros com tanto gosto tem feito derramar? Como, pois, se pode combinar no mesmo individuo qualidades tão contradictorias, como, por exemplo, a de despota, e liberal; a de vingativo, e soffredor; a de sanguinario, e pacifico? Aquelles que tem ideadé hum tal *composto*, poderão explicar tão rara contradicção, e anomalia, e que só podem acreditar malevolos, ou egoistas; mentecaptos, ou ambiciosos.

Escravos.

Ha homens intolerantes, que, sem pensar o que dizem, julgão tirar huma boa disforra com o chamar *escravos* áquelles que tem huma opinião politica diferente da sua, ou seguem hum partido diverso. Vejamos se elles tem razão: se o epitheto de *escravos* lhes he gratuitamente dado por seguirem hum partido diverso, ou serem com effeito *escravos* de suas opiniões, parece que tanto direito tem huns, como outros outros a similhante denominação; e se este epitheto pode indistinctamente applicar-se aos homens de diversos partidos, teremos que, quantos forem os partidos, tantas especies haverão de *escravos*; ou por outra: serão tantas as especies de *escravos*, quantas as diversas crenças, ou credos politicos: se, por exemplo, dous forem os partidos: duas especies de *escravos* teremos: *suppunhamos* que ha dous partidos, *moderado*, e *caramurú* — aqui teremos em consequencia — *escravos moderados*, e *escravos caramurús*: ora se a condição de *escravo* he a mesma, quero dizer: se o *escravo moderado*, he tanto *escravo*, como o *escravo caramurú*, segue-se, que por este lado nenhuma vantagem, ou realce tem huns sobre outros, porque todos soffrem a mesma condição; vejamos agora se essa vantagem, ou ufania que huns tem, lhes provem da fortuna; porque quanto mais adoçada for a sorte de huns, tanto maior titulo terão esses para se julgarem com superioridade; o *escravo* de hum nobre, de hum negocianté, de hum homem humano, e bem educado tem razão de considerar-se mais feliz, ou melhor do que o *escravo* de hum *pedinte miseravel*, que o mata de fome, de hum *lacio brejeiral*.

e inhumano, & com razão; porque o escravo *cabungueiro*, e occupado em serviços desprezíveis, não merece a mesma estimação do que aquelle que se occupa em serviços nobres, e graves; ora se nós virmos que os *escravos moderados* só servem a *lagalhões, pelintras, magarefes, gente baixa, mal educada*; e pelo contrario os *escravos caramurus* servem a gente de educação; de humanidade, de grandeza, não feiticia, mas real; quem hezitará, a ter de escolher, em preferir o pertencer antes aos *escravos caramurus*, do que aos *escravos moderados*, occupados em serviços baixos, e desprezíveis? cada hum consulte o seu gosto.



Os Liberaes da moda.

Viola-se em 7 d'Abril os principios da liberdade Constitucional; e clama-se por toda a parte — *viva a liberdade!* mata-se gente sem piedade, amarra-se sem compaixão como a *porcos*, e brada se a altas vozes — *viva a liberdade!* afirolhão-se deshumanamente em *masmorras in-alubres* a homens sem distincção; e não cessa de se dizer — *viva a liberdade!* intriga-se, e trapaceia-se para se obter votos nas eleições, e ouvem se ainda gritos de — *viva a liberdade!* illude-se a Lei, forma-se culpa, sem a haver; soborna-se testemunhas, prende-se o innocente; e no meio de tudo isto não deixa de dizer-se — *viva a liberdade!* abuza-se descaradamente do defeito de petição; ataca-se sem vergonha a Lei fundamental; e ainda se diz — *viva a liberdade!* ora sebo, por não dizer outra couza mais frizante, para taes liberaes, e para similhante liberdade.



MELHORAMENTOS OBTIDOS

Com o 7 d'Abril.

MARINHA.

Denominações antigas.	Denominações modernas.
Frágata D. Francisca	Campista.
Dita D. Isabel	Constituição.
Curveta Amelia	Sete d'Abril.
Dita Isabel	Regeneradora.

Vivão os reformistas!!!

Mais melhoramentos.

Denominação antiga.	Denominação moderna.
Arsenal do Exercito.....	Arsenal da Guerra.
	Qual será o de paz?

Vivão os reformistas!!!

Lugares creados para os Militares.

Lugares d'Amauense da Secretaria do Governo, com a gratificação diaria de 160, para serem exercidos por Cadetes, ou Sargentos.... 4
Lugar de Secretario, que deve ser occupado por hum Capitão, com a gratificação mensal de 30\$000; obrigando-se á comprar pennas, e tinta..... 1

Vivão os reformistas!!!

Mais reformas.

Academia da Marinha em....	Academia Militar.
Esta deo officias do mar de consideração.	É esta o que tem da qual he o exercito onde se examinão os pilotos? onde se estuda a Navegação?

Vivão os reformistas!!!

A demasiada ambição, e excessivo orgulho chega a fascinar o homem a ponto de o fazer desconhecer os seus verdadeiros interesses, e os da Patria; cego em suas paixões não estuda senão o meio de as saciar, não duvidando para isso o tomar a grata apparencia de Patriota, e, revestindo-se de todas as formas agradaveis affectar seguir o verdadeiro caminho da publica felicidade, em quanto que só attenda no meio de nutrir seos interesses privados, dirigindo seus passos pela estrada tortuosa em que tem de perder-se: contente de si julga não o terem presentido em sua marcha; mas o attento observador não perde de vista em todos os pontos em que elle se colloca; e finge mesmo não o avistar para assim melhor se assegurar do fim a que o arrastra, não o patriotismo de que alardea em vão, mas a ambição, o egoismo, e orgulho que o dominão, e de todo corrompem seu coração, embotando lhe os *sentidos*.